



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

DANIELA ALVES DE SOUSA

**“PINIQUEIRAS, PRETINHAS E AÇUCARADAS”: A MULHER
NEGRA SOB O OLHAR DE CRONISTAS CAMPINENSES NO
SÉCULO XX.**

CAMPINA GRANDE-PB

2012

DANIELA ALVES DE SOUSA

**“PINIQUEIRAS, PRETINHAS E AÇUCARADAS”: A MULHER
NEGRA SOB O OLHAR DE CRONISTAS CAMPINENSES NO
SÉCULO XX.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Graduação de História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em História.

Orientador: Josemir Camilo de Melo

CAMPINA GRANDE-PB

2012

S725p Sousa, Daniela Alves de.

"Pisqueiras, pretinhas e açúcaradas"
[manuscrito] : a mulher negra sob o olhar de cronistas
campinenses do século XX / Daniela Alves de Souza . – 2012.
25f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Josemir Camilo de Melo,
Departamento de História”.

1. História-Mulher Negra. 2. Racismo. 3. Cronista- Campina
Grande/PB. I. Título.

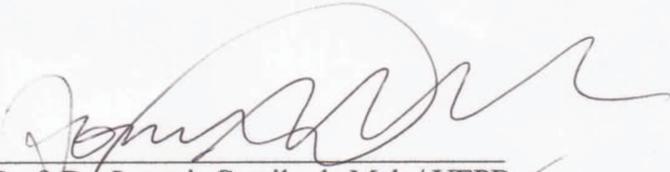
21. ed. CDD 909.04

DANIELA ALVES DE SOUSA

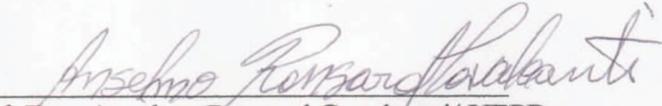
**“PINIQUEIRAS, PRETINHAS E AÇUCARADAS”: A MULHER
NEGRA SOB O OLHAR DE CRONISTAS CAMPINENSES NO
SÉCULO XX.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Graduação de História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em História.

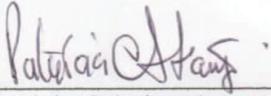
Aprovada em 01/12 2012



Prof. Dr. Josemir Camilo de Melo/ UEPB
Orientador



Prof. Esp. Anselmo Ronsard Cavalcanti/ UEPB
Examinador



Prof.ª Dra. Patrícia Cristina Araújo/ UFCG
Examinadora

“PINIQUEIRAS, PRETINHAS E AÇUCARADAS”: A MULHER NEGRA SOB O OLHAR DE CRONISTAS CAMPINENSES NO SÉCULO XX.

RESUMO

O objetivo neste artigo é verificar como se construiu em campina grande uma imagem da mulher negra através de alguns cronistas que militavam na imprensa. Para isto nos valem de dois cronistas e um poeta/cronista cuja produção data da primeira metade do século XX até meados da década de 1970. Ao realizarmos uma breve análise sobre a imagem da mulher negra, podemos notar que, localmente, as mulheres negras sempre foram vítimas de racismo e preconceitos, atentando para as crônicas desses grandes escritores campinenses quando enfatizaram a figura da negra. Assim, pretendemos colaborar para um maior (re)conhecimento acerca dessa temática, uma vez que a situação da mulher negra é muito mais complexa, não por ser apenas mulher, mas por ser mulher de cor negra e geralmente pobre como as descritas pelos cronistas, cuja construção de imagem continua nos tempos presentes.

Palavras-chave: mulher negra, racismo, cronistas.

ABSTRACT

The purpose of this article is to verify how big a built in meadow image of black women by some chroniclers who militated in print. For this we use two columnists and a poet/columnist whose production date from the half of the twentieth century until the mid-1970s.. When we conduct a brief analysis of the image of black women, we note that, locally, black women have always been victims of racism and prejudice, noting the chronicles of these great writers campiness emphasized when the figure of the black. Thus, we intend to collaborate to a greater (re) cognition about this theme, since the situation of black women is much more complex, not only for being a woman, but woman for being black and generally poor as described by the chroniclers, whose image building continues at the present time.

Keywords: black women, racism, chroniclers.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho irei fazer uma análise sobre a mulher negra na sociedade campinense a partir de crônicas e poesias. Ao refletirmos sobre a questão social do negro mais precisamente da mulher negra no Brasil, precisamos de antemão pensar sobre sua trajetória na história do nosso país. É preciso lembrar que o negro por muitas vezes fora visto como o outro, que deveria estar à margem da sociedade e sua participação na construção da história e identidade desse país deveriam ser desconsiderados.

Contudo, não é difícil encontrarmos relatos da participação do negro na construção da nossa história, pois durante quatro séculos nossa sociedade foi construída pelo trabalho negro, e com a “libertação”, estes foram colocados a margem. Apesar da luta pela abolição e da sua conquista, a situação social dos negros não mudou muito, continuou extremamente difícil. Poucos tinham dinheiro para trabalhar por conta própria e obter um emprego melhor era quase impossível. Por isso, muitos negros continuaram nas fazendas mesmo não sendo tratados como cidadãos livres. No decorrer do século XIX, as cidades brasileiras sofreram mudanças na urbanização, que deixou ainda mais difícil a vida dos negros nas cidades, sendo obrigados a viverem a margem da sociedade.

Com relação à mulher negra, restou o fardo de manter seu companheiro e os filhos, visto que continuou servindo à casa dos patrões brancos, porém não mais como criadas, agora eram representadas como empregadas, babás e cozinheiras. Desta forma podemos entender que as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência (PESAVENTO, 2008, p.39).

Não é difícil perceber marcas deixadas pela mulher negra na história, sejam experiências de vida ou costumes; o que se sabe é que elas foram por muitos anos quem sustentaram suas famílias, na ausência masculina. Em meio a tantas adversidades, essas mulheres conseguem viver as mudanças que a sociedade oferece, pois ser negra no Brasil hoje significa viver em busca de cidadania e reconhecimento social. E é a partir de experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que essa tradução sensível da realidade seja historicizada para os homens de uma determinada época (*Ibidem*, p. 57).

Graças às mudanças e às dificuldades, entre as décadas de 1980 e 1990, emergiu no Brasil vários grupos de mulheres particulares com pluralidade étnica, cultural e social, que se denominavam de “movimento negro” e tinham por finalidade mostrar a importância das mulheres negras atuarem na construção social do país. É em meio aos sentimentos, percebidos em relatos e situações de seu cotidiano que nos fazem perceber, ao refletirmos sobre esta emergência da história da mulher, quão mais difícil é encontrar um lugar para ela, uma posição, uma maior visibilidade dentro da sociedade quando se trata de mulher negra. A ela é dado muito pouco, por ela muito é construído através dos laços de solidariedade e partilha manifestos em suas práticas cotidianas (ARAÚJO, 2011).

O PESO DA COR: RACISMO E PRECONCEITO RACIAL NO BRASIL.

Nem sempre admitimos que exista preconceito numa sociedade caracterizada pela mistura de raças. Porém, devemos admitir que não conseguimos enxergar no espelho nossa própria face, inserida em um país multirracial em que existem diferenças. Contudo, essas devem ser somadas ao meio, formando uma sociedade que possa enxergar o outro como realmente ele é, visto que é possível os homens aprenderem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos (PESAVENTO, 2008, p.57). Todavia para conseguirmos ver o outro, como ele realmente merece, é necessário estarmos cientes que vivemos em um país que afirma ser uma democracia racial, mas, que conheceu ou conhece alguma forma de racismo, visto que este é um fenômeno universal, o qual precisa ser conhecido para possuímos argumentos para combatê-lo.

Joel Rufino em seu livro “O que é racismo” (1984), explica o racismo como um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre o outro. Por raça, continua Rufino, leiam-se características anatômicas: cor da pele, textura do cabelo, altura do indivíduo, etc. Além destas ainda existem as características invisíveis como o samba do negro, por exemplo, que é uma característica de um negro, porém pode ser vista em um branco.

Para Bacelar e Caroso (2007), o racismo funciona como uma barreira de mobilidade social. E pode ser entendido como uma idéia negativa a respeito do outro,

que chega à sociedade através das palavras, das imitações, das crenças religiosas, enfim elas entram na sociedade por uma infinidade de canais que passam despercebidos aos nossos olhares. Porém é fato que ninguém chega ao racismo sozinho, visto que:

Desde o momento em que uma idéia, por muito fragmentária que seja se realizou no domínio dos fatos, de maneira mais imperfeita que se queira, não é a idéia que conta a partir de então, é a instituição colocada no seu lugar, no seu tempo, incorporando uma rede complicada e móvel de factos sociais, que produzem e sofrem regulamente mil acções diversas e mil reacções (CHARTIER, 1990, p.33).

Se observarmos o pensamento de Chartier, percebemos que não existe democracia racial no Brasil, ao passo que na divisão do trabalho os negros ficaram numa espécie de exército reserva, que nada mais era que muita mão de obra barata e pouco trabalho. Nele se encontram lavadeiras de banheiro, varredores de rua, prostitutas, enfim foi um exército criado com a divisão do trabalho, mas que é visto ainda hoje em nosso dia a dia, seja varrendo ruas, nas rodovias buscando clientes (prostitutas), enfim podemos encontrar mão de obra barata e poucas ofertas de trabalho, ou seja, “o Brasil é uma grande feira de trabalhadores baratos, invariavelmente de cor” (SANTOS, 1984, p. 34).

Não podemos afirmar se o racismo sempre existiu, contudo, acredito assim como Rufino que ele é filho do mercantilismo ao passo que cresceu junto com ele. Podemos compará-lo a uma semente plantada na cabeça humana, que resiste às mais violentas mudanças de temperatura, conseguindo brotar. E o Brasil por ser um país onde vivem tantas raças fica até difícil acreditar que este país conhece e vive o racismo e várias outras formas de preconceito.

Entretanto, com tantos fatos que prova que há racismo no Brasil e há também exclusão que segundo Pesavento (2008, p. 92) se faz acompanhar da rejeição, do estigma e do preconceito, negando um lugar de reconhecimento a este outro. Como explicar a tentativa dos governos de maquiagem esse problema, fazendo valer crer através de propagandas na mídia que somos um país harmonioso e que respeita as diferenças. É preciso assumir que a sociedade brasileira é racista, trazendo à tona fatos ocorridos na nossa história que marcou toda a sociedade como a ditadura militar ou a escravidão indo

mais longe, desta forma a sociedade brasileira assumiria uma postura menos egoísta e enxergaria o outro com outros olhos.

Competitividade, pressa, falta de tempo e principalmente falta de escrúpulos além da concorrência pelos sinais de prestígio é assim, ao mesmo tempo, uma luta pelos atributos e vantagens do poderio social (CHARTIER, 1990, p. 112). Todas essas situações fazem parte das mudanças ocorridas durante o século XX no Brasil.

Percebemos tais mudanças nos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais do país, entretanto, o que não mudou muito foi a oportunidade dos não brancos ganharem destaque na sociedade ao passo que o índio está se afastando cada vez mais da sociedade e quase não é lembrado. Já os negros, apenas uma pequena parcela se destacou na sociedade, alguns em novelas e filmes, outros nos esportes e em universidades através de pesquisas. O que nos faz perceber que a passos curtos, mesmo com poucas oportunidades estão conquistando seu espaço na sociedade.

Para Bacelar e Caroso (2007, p. 105) o negro é o outro. É, inclusive principalmente, o outro de processos de reconhecimento da realidade social. Por isso, ainda existem pessoas que se surpreendem em ver um negro em algum papel de destaque na sociedade, como um presidente ou um galã de cinema, por exemplo, pois acostumamo-nos a vê-los desempenhando papéis subalternos como chofer, gari, passadeiras, domésticas e lavadeiras. Enfim, quando não são subalternos só pode ser jogadores de futebol ou sambistas sendo estes o rótulo do negro no Brasil, ou seja, no início do século XX viveram escondidos atrás de atividades sem nenhum ou com pouquíssimo prestígio social.

Buscar uma oportunidade ou um reconhecimento era um desafio para os negros já que os que estavam na parte superior do trampolim fechavam-lhes as portas, afirmando que aquele não era seu lugar social. Isto demonstra que o racismo está presente na sociedade brasileira onde os negros só conseguem alguma ascensão social nas brechas permitidas pela sociedade, ao passo que tudo isso só prova que o racismo é mesmo uma semente regada por muita humilhação, preconceito e constrangimento contra o negro que está cada vez mais sendo empurrados para a margem da sociedade a qual se transforma sem que para tal se verifique uma necessária modificação biológica dos indivíduos, o que coloca o problema das próprias razões pelas quais uma configuração social aparece ou cede o lugar a uma outra. (CHARTIER, 1990, p. 104).

Se observarmos o racismo mais profundamente, entenderemos e concordaremos quando Santos alerta para a prática do povo brasileiro em ver e tratar o povo como

bichos, e nessa discussão ele vai mais longe afirmando que “no Brasil maltratar os pobres é maltratar pessoas de cor” (SANTOS, 1984, p.65). E ainda, nesse país, segundo ele, os brancos são melhores que os não-brancos.

Por essas afirmativas fica claro que o desejo de embranquecer não é simplesmente obsessão ou estética, na verdade, é um desejo de fazer parte desse mundo de brancos, usufruir do seu conforto e dos empregos que nele existe mesmo que se pague um preço, o de se odiar por ser uma pessoa não branca. Pessoas passaram a se odiar e sentir vergonha de possuir um cabelo crespo, por que não aceitavam sua cor ou seu tipo de cabelo, chegando ao ponto de praticar violência contra si própria, visto que “o racismo tem essa peculiaridade: acaba se introjetando nas suas vítimas, tornando-as, também, racistas” (SANTOS 1984, p. 73).

Segundo Melo (2006) hoje, a população afro-brasileira se encontra numa encruzilhada, pois ainda não sabe como trabalhar as sequelas psicológicas desta identidade para torná-la positiva. Uma característica dos brasileiros é não acreditar que podem ser racistas. Talvez, justifica Santos, por enxergarem os negros como não brasileiros, ou seja, o povo brasileiro ainda vê o negro como um estranho, como um ser que merece ser estudado. Todavia, esse pensamento não se reduz ao negro, existem judeus, homossexuais, japoneses ou índios que também são enxergados como seres estranhos que merecem atenção e estudo: “Na verdade, a sociedade brasileira ainda não tem condições históricas de se enxergar como realmente é: de cor, levemente coberta de branco, como os bolos de chocolate que se adornam de glacê” (SANTOS, 1984, p. 81).

A sociedade resiste em encarar a realidade, ela ainda não consegue desligar a palavra negro do que é ruim, mau, sujo, perigoso ou atrasado, como afirma Melo (2006) ao mostrar que a palavra negro virou uma paráfrase de tudo que é negativo. Sua presença só é aceitável nos porões da sociedade, onde conseguem empregos humilhantes, visto que os brancos ficaram com as posições nobres do mercado de trabalho. De acordo com Melo:

Não tem sido criado um lugar histórico ou social, do qual a voz dos torturados possa ser ouvida, ou seja, tudo se passou dentro de uma formação discursiva cristã dominante, sem que houvesse (e até hoje) uma formação discursiva dos dominados, de forma que a sociedade ainda se rege por um discurso sobre o qual não se tem feito reflexão alguma, precedendo-se, assim, no racismo (2006, p. 96).

UM TRAMPOLIM PARA O (RE)CONHECIMENTO DA MULHER NEGRA.

Dentre os muitos nós que a sociedade possui, fica claro que o racismo é um deles, e que dentre estes nós inclusive o do racismo tende a apertar, ficando ainda mais firme com relação às desigualdades percebidas na sociedade contra a mulher negra, ficando cada vez mais difícil afrouxar.

Segundo Giacomoni (1988, p.17) se é certo que em todas as classes da nossa sociedade a mulher é oprimida, não se pode, no entanto esquecer que a intensidade e, sobretudo, a natureza dessa opressão são diferenciadas. Portanto, podemos afirmar que a mulher negra também é vista como um objeto, que deve estar sempre disponível para a sociedade, visto que, foi escrava, objeto sexual dos senhores, foi ama de leite, mucama, aliás, mucamas ainda são só mudando o substantivo: hoje são cozinheiras, faxineiras, costureiras, lavadeiras, enfim, ainda é objeto de uso de grande parte da sociedade. Seu comportamento também foi motivo de preocupação, uma vez que era vista como a precipitadora de situações morais indesejáveis que poderiam manchar a sociedade pura e limpa.

Segundo a organização de mulheres negras Criola¹, a sociedade desenvolveu diferentes narrativas para tentar descrever ou classificar as mulheres negras, cujas mais comuns são estereótipo e desvalorização, descrevendo-as como inferiores; vitimização que as define como seres passivos e incapazes; e o orgulho que destaca sua resistência e resiliência.

É pertinente lembrar que a maior parte dessas mulheres negras vive à margem da sociedade, possuem uma vida bastante difícil, parte delas mora em favelas e algumas ainda precisam ser chefes de família, outras precisam ajudar na renda familiar e quase todas enfrentam os desafios que a vida as oferece como mostra Del Priore (2010, p.564) que:

Enquanto trabalhadoras, essas mulheres suportam o duro fardo de um trabalho desvalorizando e ao mesmo tempo extremamente penoso; enquanto mulheres, recebem menores salários do que os homens, além

¹Criada, em 1992, no Rio de Janeiro com o objetivo de capacitar mulheres, adolescentes e meninas negras para o desenvolvimento de ações de combate ao racismo, ao sexismo, a homofobia e para a melhoria das ações de vida da população negra.

de outras formas de dominação e de discriminação manifestas no espaço de trabalho e também da casa; enquanto negras ou mestiças, sofrem as consequências do preconceito racial.

Todavia, ainda há um agravante: muitas mulheres negras, nos seus empregos, além de serem mal remuneradas, sofrem algum tipo de prática ou postura violenta e ou agressiva, o que denota uma tentativa de organização da sociedade, onde observamos o lugar de cada um.

No entanto, é preciso evitar a vitimização das mulheres negras, desconsiderando as diferentes formas de resistência empreendidas pela população negra e pelas mulheres negras, de maneira peculiar. Não podemos esquecer as potencialidades e as resistências que essas mulheres vêm construindo ao longo do tempo, a exemplo de movimentos feministas que discutem e problematizam questões referentes às mulheres e a alguns aspectos visibilizados pela sociedade. Desta forma, pode-se combater a opressão contra as mulheres em especial contra a mulher negra que, como afirma Del Priore (2010, p. 572) ainda sofrem o peso da cor, quer seja no eito ou na própria casa.

Para a mulher negra, romper com a submissão implica obter reconhecimento do seu potencial racial, valorização da identidade e o exercício da sua cidadania. Ou seja, elas podem, a partir de então, serem protagonistas de suas próprias vidas que até então foram formadas por “representação que envolve processos de percepção, identificação reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão” (PESAVENTO, 2008, p. 40).

A MULHER NEGRA SOB O OLHAR DOS CRONISTAS CAMPINENSES

*A mulher é sempre um vir a ser até
que encontre alguém que a faça ser.*

(Mário de Andrade)

A tentativa de trabalhar a História a partir de textos literários me fez entender que, por possuir uma riqueza de significados, os textos literários podem representar a vida social e modificar, por seus significados, um ser. Portanto, buscando analisar a mulher negra na sociedade campinense a partir de crônicas e poemas, percebi com o auxílio de Ferreira (2012, p. 77)

que tais representações constituem sempre um universo ficcional, por mais verossímil que seja. O papel do historiador é confrontá-las com outras fontes, ou seja, outros registros que permitam a contextualização da obra para assim se aproximar dos múltiplos significados da realidade.

Por isso, busquei em outros autores como Santos, Valente e Giacomini, um maior aprofundamento do ser negro.

Segundo Ferreira, toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de tempo, espaço, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos (2012, p.67). Por ele podemos entender que a literatura por vezes não documenta o real com riqueza de detalhes, na verdade ela nos proporciona o entendimento de várias dimensões sociais que vai depender da forma como foi lida, transmitida ou compartilhada, além disso, é preciso numa pesquisa histórica observarmos o contexto social em que ela foi escrita.

Seja por textos, novelas, cordel, folhetim, enfim, algumas obras literárias nos auxiliam a interpretar situações vividas em épocas distintas, visto que são de suma importância para o leitor, principalmente o leitor historiador, “porque aguçam a imaginação e a sensibilidade, aspectos essenciais em nosso ofício” (FERREIRA, 2012, p. 71). A partir da fala de Ferreira podemos pensar na literatura como o tempero para a história.

Trabalhar história e literatura proporciona também ao leitor diversas visões e conclusões sobre o tema lido, poderíamos comparar essa união ao “colorido do leque chinês que, ao ser aberto ou fechado, formaria, na sua respiração, diferentes figuras, apresentaria diferentes desenhos” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 149).

A experiência de trabalhar com a História Cultural foi prazerosa, pois, ela me proporcionou um diálogo com outras áreas, principalmente com a literatura na qual pode com o auxílio de Pesavento e Chartier trabalhar as sensibilidades e sociabilidades incluídas nas crônicas e poemas trabalhados.

Quando ouvimos falar do negro na sociedade brasileira, por muito tempo o associamos a um personagem sem foco na história, pouco citado, além disso, vem acompanhado por muitos estereótipos. Para Albuquerque Júnior:

Estereótipo é um olhar e uma fala produtiva, ele tem uma dimensão concreta, porque além de lançar mão de matérias e formas de expressão do sublunar, ele se materializa ao ser subjetivado por quem é estereotipado, ao criar então uma realidade para o que toma como objeto (2001 p 20).

Talvez esse fato ocorra porque o negro só ganhou presença significativa na história brasileira no século XIX e prevalece até a atualidade porem com algumas variações, como destaca Proença Filho (2004), afirmando ainda que a presença do negro na literatura não escapa ao tratamento marginalizador que marca o processo de construção da nossa sociedade. Podemos constatar o silenciamento para com o negro por alguns escritores. Poucos se detinham ao tema, e quando tratavam do negro os relatava como um ser inferior. Este silenciamento, esta ocultação e até mesmo o medo de inserir o negro na literatura é explicado por Pesavento (2008, p. 82) ao afirmar que a literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos.

Esse era e ainda continua sendo o pensamento de algumas pessoas que não admitem o negro como parte integrante dessa sociedade, marcada pelo preconceito sofrido também pelas mulheres negras, as quais segundo Lúcia Valente (1987, p. 50), por serem discriminadas social, racial e sexualmente, têm dificuldades de conseguir emprego e se destacar profissionalmente.

Na literatura, a mulher sempre aparecia como a responsável pela família, pela manutenção do lar e seu universo era criado em torno do masculino. Atentando para as mulheres negras, enquanto personagens, percebemos que ela integra o arquivo da literatura desde Gregório de Matos, até Jorge Amado e Guimarães Rosa, todavia, eram sempre representadas com inferioridade, sensualidade e depreciação. No caso da mulher negra, seu corpo, seus cabelos ajudam a ser representada como uma figura erótica por natureza, ou seja, em definições elaboradas por filósofos, o que é o belo é alterado pela percepção do sujeito que observa (SANTOS, 2011, p.08).

É fato que a imagem do corpo negro seja da mulher ou do homem sempre vai estar associada a um corpo estranho, muitas vezes interpretado por olhares de

exotização, sexualização e até infantilização que vão depender do ambiente em que a mulher negra estiver inserida. Para Nelson Inocêncio:

Na cultura visual brasileira, o corpo negro aparece como a antítese do que se imagina como normal. É um corpo cuja representação está associada ao que há de mais caricato, como se ele existisse justamente para demonstrar o contrário do humano. O corpo negro amedronta, porque a ele foi atribuída uma noção de força que se sobrepõe ao intelecto. Esse mesmo corpo provoca risos porque sua leitura está vinculada a comparações que o animalizam. (INOCENCIO, 2006, p. 185 apud SANTOS 2011, p.09).

Contudo, após muitas lutas e resistências, a mulher negra deixou sua marca na sociedade, seja por relato de suas memórias, por suas experiências, pelas relações de trabalho, por seus costumes ou simplesmente pela luta pela sobrevivência na sociedade onde tal transformação não modifica apenas as maneiras de pensar, mas toda a estrutura da personalidade (CHARTIER, 1990, p. 113).

Para Nascimento (2008, p.51) esta “revolução nos costumes” e nas formas de comportamento vão tentar ser difundidas pelas elites e se espalhar de forma desigual pelo Brasil e muitas pessoas vão absorver e dar novos sentidos a estes comportamentos, que atingiam homens e mulheres.

O comportamento da sociedade campinense, suas práticas e vivências podem ser vistas nas obras de Hortêncio Ribeiro, Álvaro Leão e Cristino Pimentel, os quais representaram a mulher negra de forma estereotipada, porém com significados ocultos, simbólicos, ou seja: Dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. (PESAVENTO, 2008, P. 41).

É pertinente lembrarmos que houve outro trabalho acadêmico intitulado A imagem do negro na sociedade campinense em meados do século XX, da autoria de Mariza Pereira dos Santos, no qual trabalhou o negro de forma geral sob a perspectiva da crônica. No caso em estudo, chamaremos atenção para as crônicas e poemas produzidos por autores campinenses, que demonstre um olhar sobre a mulher negra.

a) A mulher negra no *Pitéu do Leão*.

Ao analisarmos o trabalho de Álvaro Leão², percebemos um desconforto em relação à questão racial, uma vez que ele ilustra e mantém alguns dos mais variados estereótipos ligados à mulher negra. É curioso esse desconforto de Álvaro ao tratar de pessoas negras por dois motivos: primeiro porque ele era negro, assim como seu irmão Anézio Leão, também nascido em Campina Grande, intelectual autodidata que gostava de escrever versos, posteriormente aprimorou seus estudos chegando a produzir livros e gramáticas. Foi político e fundador de algumas escolas em campina grande. Segundo, porque tratou a mulher negra de forma pejorativa em seus poemas mesmo possuindo na família uma mulher negra, sua irmã Leônia Leão, jornalista, intelectual de fibra, que tem deixado sua marca na história de Campina Grande. Foi uma das mais conhecidas professoras desta cidade. Fundou escolas e foi eleita para ocupar a cadeira de nº03 da Academia de Letras de Campina Grande.

O nome Leão desde as primeiras décadas do século XX se fez em Campina Grande, seja pelo pai o senhor Pedro, seja pelos escritores Álvaro e Anézio. Em relato a Melo e Gaudêncio (2009), Leônia lembra sua infância, educação, maturidade, casamento, filhos. Diz achar sua cor linda e que nunca foi discriminada por sua cor, porém quis mostrar que havia racismo em Campina Grande, ao narrar que seu pai quando quis casar com sua mãe, a família da noiva não quis deixar, a princípio, alegando que ele era negro. Talvez devêssemos indagar se Álvaro Leão teria herdado dos avós maternos um olhar preconceituoso sobre o outro?

O que podemos dizer de fato é que Álvaro Leão¹ (1979) dedicou pouco de seu trabalho sobre o negro. Em "*Pitéu do Leão*" escreveu das quarenta e seis poesias apenas duas sobre negros: *Aquele vai me enganar* e *Hora minguante* na qual me detive para entender sua visão a respeito da mulher negra, que é descrita de forma pejorativa. Fica até contraditório tratarmos de submissão, discriminação e inferioridade atribuída ao negro com um poeta de ascendência negra.

Cabe a nós pensarmos como Chartier (1990, p. 65) quando comenta que nesse mundo não se joga xadrez com figuras eternas, o rei, o bispo: as figuras são aquilo que

²Álvaro Ferreira Leão nasceu em Campina Grande em 1910 e morreu em 1980, em Porto Alegre (RS). Tinha apenas o primário, era barbeiro, e manteve por certo tempo um bar a "Furna do Leão", onde se reuniam intelectuais e boêmios. Interessou-se pela poesia matuta. Escreveu "aconteceu em Campina", "O Pitéu do Leão", "Sarandage". Foi também teatrólogo com a peça "Os Milhões de Targino".

delas fazem as configurações sucessivas no tabuleiro. Portanto pensemos em Leão como um cronista que se constituiu a partir de relações, visto que, fazia parte dos poucos descendentes de negros que no contexto da época pertencia a um ambiente com convivências com famílias ilustres da época, podendo desta forma, assimilar a cultura dos brancos da sociedade, passando a comungar dos mesmos ideais (SANTOS, 2009, p. 33).

Observemos a poesia *Hora Minguante* que tem como personagens Mané Bofete, homem galanteador que se sentia atraído principalmente pelas negras e Lixandria uma mulher negra com pouca escolaridade. A poesia inicia com a apresentação de Mané Bofete *o tal querido das piniqueira; preferia as bem pretinhas porque são açucarada* (p.13), nessa apresentação o autor deixa claro a inferioridade da mulher, também percebida na apresentação de Lixandria, *uma negona, com seus cento e vinte quilo* que deixou Mané apaixonado. Diante da paixão resolve escrever um bilhete para Lixandria que dizia: *minha adorada caboca, quero beijá tua boca, de noite te entrevista, as onze horas, no duro eu vou pular o teu muro pra nos dois se abraçar* (p.13). Pelo bilhete podemos entender que a mulher negra era vista como volúvel, de vida fácil, sem pudor, rótulos atribuídos às mulheres negras, pois às brancas, era atribuído o respeito já que eram vistas como mulheres honestas e puras próprias para casar. Já a mulher negra era vista como a indicada para se deliciar do pecado. Provavelmente, Mané não ousaria enviar o bilhete a uma moça branca estando ele ciente das práticas sociais da época.

Ao receber o bilhete Lixandria pediu para o patrão ler, pois ela era analfabeta, fato que diagnostica as posições sociais de alguns brasileiros no processo de formação social, deixando clara a posição do negro, bem como da mulher negra na sociedade visto que a realidade de uma posição social não é mais do que aquilo que a opinião considera que ela é (CHARTIER, 1990, p. 112).

E nessa sociedade, mesmo após muitas conquistas com movimentos feministas, a inferioridade da mulher negra persiste seja nos costumes ou na condição social o fato é: a cor da pele ainda serve de atributo para a inferiorização da mulher negra percebida quando Mané bofete se refere às mulheres negras como “nêgas piniqueira” (p.14). Com essa fala o autor nos leva a acreditar que ele comungava da ideologia que via o negro como um ser inferior, incapaz, que deveria ser colocado à margem da sociedade. E a mulher negra como um fruto da escravidão, servente, trabalhadora braçal, amante prostituta, e vítima de uma sociedade que a negava o direito de escolha da sua própria vida.

b) A mulher negra em “Vultos e Fatos”.

Sobre Hortêncio Ribeiro³, percebemos que possui assim como Leão um desconforto com relação à questão racial, pois, grande parte de sua obra *Vultos e Fatos* de 1979, trata primordialmente de grandes nomes da sociedade campinense, pessoas que faziam parte da elite branca de nossa cidade.

Todavia encontramos em suas crônicas *Dia de São João* e *O Carnaval Campinense (II)* passagens que mostram e decodificam a forma como eram tratadas as mulheres negras naquela época, mostrando qual seria de fato seu lugar na sociedade, que em meio a tanto desenvolvimento ainda ocultava os negros e as negras da sua história. Em *Dia de São João*, encontramos esta descrição:

As famílias recolhidas no interior dos velhos lares rezando o terço, as meninas do meu tempo tiravam sortes, e a meninada doida por espaço livre acendia estrelinhas e soltava traques nos eirados, esperando **as mucamas e a negralhada da cozinha**, que assavam milho verde que gostosamente se comia com o queijo de Santa Rosa (RIBEIRO, 1979, p. 50).

Na passagem é nítido o sentido de inferioridade agregado à mulher negra que é representada como mucama, termo que significa “amásia escrava” (DUARTE, 2009, p.12) remetendo à condição de escrava da mulher negra, tendo como função principal servir aos seus senhores; o que só ressalta a força de permanência de uma imagem que atravessa os séculos e marca a representação de uma época em que as negras eram vistas apenas como objeto. Desta forma o autor nos deixa claro a pouca ou nenhuma relevância que essas mulheres possuíam.

³Hortêncio de Souza Ribeiro nasceu no dia 31 de janeiro de 1885, em Campina Grande e faleceu em 15 de novembro de 1961. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1918. Retornou a Campina Grande e em 1939, casou-se com D. Maria de Moura Ribeiro com quem teve quatro filhos. Colaborou na imprensa paraibana, escrevendo em vários jornais. Foi um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras, integrando os seus quadros a partir de 14 de setembro de 1941. Não deixando livros publicados, após sua morte, D. Maria de Lourdes colheu em jornais e revistas os seus escritos, enfeixando-os em livro, formando, assim, uma antologia de suas crônicas e artigos, intitulada *Vultos e Fatos*, publicada pelo Governo do Estado em 1979.

Ribeiro nos transparece com a expressão negralhada da cozinha qual seria o real lugar da mulher negra nessa sociedade, lugar determinado pelo homem, em um momento da história em que a mulher era submissa, não lutava, por não ter oportunidades, para inverter esse papel ao qual lhe fora atribuído. O lugar da mulher seja ela branca ou negra acaba sendo o privado, o espaço doméstico. Enquanto o do homem é na rua, no público, onde a vida acontece.

O espaço no qual essas mulheres estão inseridas nos fazem entender segundo Pesavento (2008, p. 15) que nossas ações, palavras, coisa, enfim nossa cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica. E o espaço destinado à mulher negra nas crônicas de Ribeiro, está sempre ligado as funções domésticas, e que sua realidade se traduz na função de servir, como podemos perceber na crônica O Carnaval Campinense (II)

Uma negrinha domestica plantava-se de atalaia, na varanda do sobrado onde morávamos (hoje Loja Paulista), a espionar os papangús, que apontavam na rua do Seridó, incubida de correr e avisar às meninas que do interior da casa abalavam para a fachada do prédio, a olhar às gargalhadas às máscaras (RIBEIRO, 1979, p. 211).

A expressão Negrinha doméstica denota a realidade do tratamento oferecido à mulher negra, que possuía como oportunidades de ganho, trabalhar para famílias de classe superior estando sujeitas ao desprezo e a humilhações, que muitas vezes eram vistas como algo natural, visto que essas mulheres deveriam servir, mesmo que estivessem rodeadas por preconceitos, a uma sociedade que não lhe propôs escolhas apenas determinou suas funções.

c) Enxergando a mulher negra em “Abrindo o livro do passado”.

Diferente dos autores mencionados, Cristino Pimentel⁴ em suas crônicas encontradas no livro Abrindo o livro do passado, narra fatos ocorridos em sua vida seja

⁴Cristino Pimentel nasceu no dia 22 de julho de 1897 em Campina Grande e faleceu dia 31 de dezembro de 1971. Escritor e historiador é autor de obras como “Abrindo o livro do passado”, “Mais um mergulho na história campinense” e “Pedacões da História de Campina Grande”. Fundou “A Fruteira” uma casa de

com parentes próximos ou com suas vivências. Desta forma, ele nos dá oportunidade de entendermos como seriam os costumes, o ambiente físico e a política na cidade de Campina Grande em meados do século XX.

Outro diferencial do autor é a forma como enxerga o negro, e a mulher negra. Por vezes percebemos um olhar de respeito por homens e mulheres marcados pelo sofrimento de uma época sem liberdade e reconhecimento, mas ao mesmo tempo entendemos como uma forma de piedade. Porém essa piedade vem regada por preconceito e discriminação percebidos pelos estereótipos apresentados pelo autor quando trata das relações pessoais.

Provavelmente esse respeito deve-se ao fato de Pimentel ter vivido de forma humilde, uma vez que, quando jovem mais precisamente as quatorze anos iniciou-se na vida de trabalhador, nas funções de ferreiro e de sapateiro. A primeira profissão foi citada na crônica *Major “Fuça”* em que Pimentel, lembrando esse negro que viveu 112 anos diz: *o tempo levou Major “Fuça” e o sítio de dona Sinhá Bandeira, e a casinha baixa onde trabalhei de ferreiro com Manoel Grosso, batedor de facas*. Provavelmente assim como Major “Fuça”, Manoel Grosso também era um homem negro e humilde.

Já a profissão de sapateiro ele cita na crônica *Lembrando meu avô*, quando ao lembrar a vizinhança e as dificuldades comenta: *só os vizinhos da casa em que morávamos, na Rua do Açude Novo, o visitavam, e raramente, com exceção de dona Pretinha, velha sapateira com quem aprendi a bater sola e taxiar sapato*. Cabe a nós imaginarmos se *dona Pretinha* também fora uma mulher negra que passou pelas crônicas de Cristino Pimentel ou era apenas um apelido carinhoso atribuído a uma mulher humilde que resolve pelas dificuldades encontradas na vida exercer uma profissão masculina.

Na crônica *Rua do Açude Novo*, percebemos o preconceito do autor para com a mulher quando ele diz que “de todos os defeitos da mulher, a curiosidade é o que melhor lhe assenta” (PIMENTEL, p. 30). A curiosidade é atribuída à mulher, pois segundo Pimentel, ao homem cabe o lado racional, inspirado por Deus.

venda de frutas que também fora ponto de encontro de literatos, intelectuais e boêmios. Fato que colaborou para que Pimentel escrevesse para jornais e editasse seus livros.

Percebemos um tom pejorativo de Cristino Pimentel, nessa passagem, quando ele descreve a mulher como um ser repleto de defeitos, todavia esse tom não se resumiu a essa crônica. Em *De casa do “emboca” a rua do “emboca”*, Pimentel também trata a mulher como um ser volúvel, percebido ao descrever Genoveva: “não podemos falar da rua do “emboca” sem lembrar de Genoveva, uma caboclinha baixa e gorda, muito viva, risonha e muito “franca” que vendia amor a vintém e a pataca”(Ibidem, p. 51).

Nessa passagem percebemos a discriminação e o preconceito do autor quando tenta camuflar com adjetivos uma mulher que para os padrões sociais não era normal, pois, uma mulher normal, segundo Nascimento (2008, p. 36) era considerada um ser naturalmente inferior física e mentalmente, emotiva, passiva, assexuada e facilmente ludibriada.

Santos (2009, p. 23) também analisa as crônicas de Pimentel, *Major “Fuça”*, *Rua do Açude Novo* e *O Negro Manoel Maria* nas quais apresenta seu olhar diante da posição do negro na sociedade, que para a autora: o espaço ou territorialidade do negro será mantido em pequenos espaços caracterizados por moradias simples, bem como pela pouca mobilidade social, provada sem dúvida pelos resquícios do sistema que durante séculos fez sangrar a alma dos infelizes que por ele foram assolados.

Cristino Pimentel na crônica *A guisa de conto* descreve um tipo de mulher ideal para seus olhos:

Amenina era rica, penteada e tinha o encanto e a voluptuosidade do beija-flor saudando as rosas ao romper do sol. Gostava de tentar os moços e de lhe ferir os corações. Seus olhos eram negros e grandes, vivos e brilhantes. Seu corpo tinha linhas perfeitas, tentava mesmo em trajes simples. Trajava como uma princesa. Todas as tardes vestia-se a rigor e ficava em sua calçada, sentada, a insultar com os olhos de beduína, rasgados e negros, a quem passava. Era uma fascinação (PIMENTEL, 2011, p. 84-85).

Podemos concluir que nessa época estivesse sendo conduzido pelo conservadorismo de uma sociedade que segundo Nascimento (2008) via a mulher como

um ser frágil que tinha a função de casar, ter filhos e educá-los. Eram incapazes por natureza e de sensibilidade marcante.

A mulher negra, como nos demais autores, também foi descrita por Pimentel na crônica *Rua Monsenhor Sales*. Nela, o autor mostrou as dificuldades e o sofrimento da mulher negra em uma sociedade com práticas excludentes que a colocava não só na condição de sexo frágil, mas também no lugar de inferioridade, com as privações que dificultam uma melhor qualidade de vida, como podemos notar quando lembra da negra Vicença: “Quem não se lembra da negra Vicença, pedindo tostão a Fuad Géa, “pá compá de bacaiá qui tava de resguardo”...doente do ute”(PIMENTEL 2011, p. 88).

Cristino Pimentel nessa passagem ao descrever conforme essa mulher negra pedia nos transporta para vivenciarmos aquele momento junto com ele, nos deixando visualizar a condição de pobreza e uma contradição em sua fala, visto que, é uma mulher negra pedinte, porém especifica seu desejo, quer bacalhau, seria esta uma comida cara, que dificilmente era adquirida por pessoas de camadas sociais baixas ou era um alimento trivial, herança da escravidão. Todavia, era um desejo de Vicença sentir o sabor aos seus olhos da burguesia, mesmo vivendo em uma sociedade cheia de regras e discursos que só contribuem para acentuar as diferenças.

O que importa acentuar é que essa diferença, além de ser produzida historicamente no plano das condições sociais da existência, é também construída, forjada na percepção de quem vê e enuncia o outro, descrito e avaliado pelo discurso, figurado e representado por imagens. Há uma produção imaginária desse outro, que afirma a alteridade e a diferença, no tempo e no espaço. (PESAVENTO, 2008, p. 60).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resistências, opressão e preconceito contra homens e mulheres negras na sociedade brasileira fazem parte da história de luta e de alternativas para a sobrevivência dessa população que vivem com os referenciais, construídos por interações sociais do que é belo, bonito ou desejável.

Para Melo (2006) a representação da mulher negra na literatura não é apenas um contraponto ao já estabelecido, mas se consolida e se legitima a partir da ressignificação do universo negro e da invenção de personagens femininas, bem como uma (re) invenção de identidades e da diversidade.

As representações sociais amparadas nos conceitos de Chartier e Pesavento me ajudou a apontar as possibilidades de ampliação dos significados das coisas e dos fatos quando aplicado as teorias acerca das representações e sensibilidades tanto no mundo social quanto no individual. Visto que as várias fontes pesquisadas me auxiliou a pensar que muitas palavras e atitudes impostas pelo e para o ser humano é repleta de sentidos e cabe a nos identificarmos.

Nesse sentido, podemos afirmar que as literaturas que tratam sobre a mulher negra estão repletas de interpretações conflitantes e ambíguas, nos possibilitando diversas formas de interpretá-las sejam por seu cotidiano ou pela realidade que as cercam.

Pelas crônicas de Cristino Pimentel e Hortêncio Ribeiro e nas poesias/crônicas de Álvaro Leão, podemos observar como a mulher, mais precisamente a mulher negra, era vista numa sociedade marcada pelo preconceito, repleta de representações sobre o que elas deviam ser: servente, trabalhadora braçal, amante e ainda vítima de si mesma por não encontrar quem olhasse por elas. Podemos dizer que em Campina Grande, bem como em todo o país, à mulher negra foi negado por muitos anos o direito da escolha sobre sua própria vida.

É oportuno lembrarmos que o silenciamento e todo o preconceito que a mulher negra sofre, possivelmente ocorram pela forma como as questões são colocadas, visto que muitas vezes são apresentadas como atiradas, açucaradas, piniqueiras e até sensuais, quando o que querem mostrar é que são apenas mulheres livres.

A partir dessa temática, trabalhando com a história cultural, busquei mostrar que as mulheres negras acima de tudo, são mulheres que possuem defeitos e qualidades, tem problemas e dificuldades, enfim são cidadãs e merecem respeito, não podemos aceitar que elas sejam excluídas, tratadas a partir de estereótipos, que para essas mulheres, esses tratos servem de apoio para chegarem ao reconhecimento futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes.** 2ª Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

BACELAR, Jefferson. CAROSO, Carlos. **Brasil, um país de negros?** 2ª ed. Rio de Janeiro, CEAO, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** São Paulo: Ed. Bertrand, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil.** 2ªed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava. Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1988.

LEÃO, Álvaro. **O Pitéu do Leão.** 1ª ed. Porto Alegre, 1979.

MELO Josemir Camilo de. (A)d(i)versidade cultural como forma de racismo. In: JOACHIM, Sébastien (org.). **II Cidadania Cultural.** Diversidade Cultural; Linguagens e Identidades. Recife: Elógica Livro Rápido, 2007 Vol. 1), p.93-101.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O Doce Veneno da Noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande(1930-1950).**Campina Grande, EDUFCG, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 2ª ed., 2ª reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIMENTEL, Cristino. **Abrindo o livro do passado.** 2ª ed. Campina Grande: EDUFCG, 2011.

_____ **Mais um Mergulho na História Campinense.** Campina Grande: Edições Caravela, 2001.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos Avançados, 2004.

RIBEIRO, Hortêncio de Sousa. **Vultos e Fatos**. Governo do estado da Paraíba. Secretaria de educação e cultura, 1979.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é Racismo**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1984.

SANTOS, Mariza Pereira dos. **A imagem do negro na sociedade campinense em meados do século XX**. Monografia de conclusão do Curso de História, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2009.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. *De colona à boia-fria*. DEL PRIORE, Mary (Org.) In: **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 554-577.

VALENTE, Ana Lucia. **Ser Negro no Brasil Hoje**. São Paulo: Moderna, 1987.

FONTES ELETRÔNICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Um leque que respira: a questão do objeto em história. IN: **História: a arte de inventar o passado**. Ensaio de teoria da História. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p.148-163.

ALMEIDA, Marina Barbosa de. **A representação da mulher sob o olhar moderno de Di Cavalcanti**. Ruídos na representação da mulher: preconceitos e estereótipos na literatura e em outros discursos. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Marina_Barbosa_de_Almeida_13_A.pdf Acesso em 25/01/2012.

ARAÚJO, Francisca Pereira. ARAÚJO, Patrícia Cristina de A. **Memórias de mulheres afro-brasileiras no mundo do trabalho em Campina Grande**. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/3/05/11.pdf>. Acesso em 25/01/2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade**. Terra roxa e outras terras- Revista de estudos literários. Vol. 17-A. dezembro- 2009. ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letrs/terraroxa>. Acesso em 09/10/2011.

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. IN: PINSKY, Carla Bassanezi, LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. 1ª ed., 2ª reimp. São Paulo: Contexto, 2012, p.60-91.

MARTINS, Carlos Augusto de Miranda e. **Negro, publicidade e o ideal de branqueamento da sociedade brasileira**. Disponível em: www.revistas.univerciencia.org/index.php/rumores/article/.../5973. Acesso em 02/09/2011.

OLIVEIRA, Maria Luísa de. MENEGHEL, Stela Nazareth, BERNARDES, Jefferson de Souza. **Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial**. Disponível em: *Psicol. Soc.* [online]. 2009, vol.21, n.2, pp. 266-274. ISSN 1807-0310. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102>. Acesso em 22/01/2012.

PALMEIRA, Francineide Santos. SOUZA, Florentina da Silva. **Representações de gênero e afrodescendência na obra de Conceição Evaristo**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14440.pdf>. Acesso em 13/09/2011.

SANTOS, Tanimara Elias. **Mulheres negras e cabelos trançados: figuras de resistência**. Disponível em: <http://www.igualdaderacial.unb.br/pdf/mulheres.pdf>. Acesso em 22/08/2012

WERNECK, Jurema. **Políticas públicas para as mulheres negras. Passo a passo: defesa, monitoramento e avaliação de políticas públicas**. Disponível em: <http://www.criola.org.br/pdfs/publicacoes/Livreto1>. Acesso em 25/08/2012.